



The experience of black authors as a research terrace: thinking about the decoloniality of creating science

A experiência de autoras negras como terreno de pesquisa: pensando a decolonialidade do criar ciência

La experiencia de los autores negros como tierra de investigación: pensando en la decolonialidad de hacer ciencia

Lindiane de Santana¹ , Roseane Santos Mesquita¹ , Andréia Teixeira dos Santos¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Lindiane de Santana

E-mail: lindyriion@gmail.com

Como citar: Santana, L., Mesquita, R. S., & Santos, A. T. (2022). The experience of black authors as a research terrace: thinking about the decoloniality of creating science. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e13591. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks3113591>

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the experience of black authors in their research processes become important to expand the academic material. In this way, we will discuss two research processes, the first of a master's dissertation worked through autoethnography and a doctoral research, still in progress, which tensions the place of experience to think about a theoretical research. This article is located in the theoretical field of decolonial thought and reflects on new ways of doing research, thus tensing places and bodies established as exceptional for academic research.

Keywords: Experience. Black women. Decolonial thinking. Research.

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir como a experiência de autoras negras em seus processos de pesquisa se tornam importantes para ampliar o material acadêmico. Desta forma, discutiremos dois processos de pesquisa, o primeiro de uma dissertação de mestrado trabalhada através da autoetnografia e de uma pesquisa de doutoramento, ainda em andamento, que tensiona o lugar da experiência para se pensar uma pesquisa teórica. Este artigo se localiza no campo teórico do pensamento decolonial e reflete sobre novas formas de se fazer pesquisa, tensionando desta forma lugares e corpos estabelecidos como excepcionais para a pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Experiência. Mulheres negras. Pensamento decolonial. Pesquisa.

RESUMEN

Este trabalho tiene como objetivo discutir cómo la experiencia de los autores negros en sus procesos de investigación se vuelve importante para ampliar el material académico. De esta manera, discutiremos dos procesos de investigación, el primero de una disertación de maestría trabajada a través de la autoetnografía y de una investigación de doctorado, aún en curso, que enfatiza el lugar de la experiencia para pensar una investigación teórica. Este artículo se ubica en el campo teórico del pensamiento decolonial y reflexiona sobre nuevas formas de hacer investigación, destacando así lugares y cuerpos establecidos como excepcionales para la investigación académica.

Palabras clave: Experiencia. Mujeres negras. Pensamiento decolonial. Investigación.

INTRODUÇÃO

*Elas erguem seu canto com a mesma altivez
que seus cabelos
crespos e grises
se fazem raízes
desafiam lisuras
reafirmam ousadias.*

Iabás, Neide Almeida

Este artigo surge durante as discussões do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” de bell hooks (2017), no Grupo de Pesquisa Educação, História e Interculturalidade – GPEHI. A obra de bell hooks nos afetou. Afetou, principalmente, porque conversava com nossas pesquisas e com nossas experiências acadêmicas. Apesar de falarmos e trabalharmos com personagens, lugares e períodos históricos diferentes, bell hooks (2017) nos ajuda a pensar a estética da escrita acadêmica, que pode ser leve, poética e ainda assim científica; no entanto, nos debruçaremos sobre o aspecto da experiência da autora enquanto terreno onde se pisa no caminhar da pesquisa. Pois assim como bell hooks acreditamos que a nossa experiência pode “iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico” (hooks, 2017, p. 36).

O corpo/existência de algumas pessoas dentro da academia produzem uma espécie de incomodo, nas palavras de bell hooks “eu queria me tornar uma pesquisadora crítica. Mas essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade” (hooks, 2017, p.14). Esta autoridade dentro da academia relata bell hooks era branca e masculina, sempre tidos como os pensadores “excepcionais”. bell hooks nos encontra neste artigo para nos mostrar que as nossas experiências são quase que as mesmas dentro da academia, portanto, nossos escritos, mesmo que não ditos, são escrevivências. As escrevivências são entendidas aqui como o campo da experiência escrito, mesmo que no campo ficcional, as histórias são tão idênticas para as pessoas que lêem e que pertencem a mesma classe/identidade das autoras, que as histórias são identificadas como se fossem suas.

A experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p. 21) portanto, atrelada ao sentido.

Deste campo, do pensamento decolonial, queremos afirmar e reafirmar a experiência/corpo das autoras como parte ampliadora e essencial de suas pesquisas. O corpo/experiência esta conosco enquanto escrevemos, não há como sair do corpo, por mais que alguns defendam a ideia de neutralidade na ciência, o corpo/experiência da pesquisadora interfere no espaço onde atua.

Desta forma, este artigo se propõe apresentar duas pesquisas produzidas por mulheres negras, onde as experiências das autoras são essenciais e defendidas no processo de construção das pesquisas. A primeira trata-se de uma autoetnografia em uma pesquisa de mestrado, já defendida. E a segunda trata-se de uma pesquisa teórica, mas que a experiência da autora é trazida à tona para conversar com a teoria. Ao final procederemos por uma breve conclusão deste artigo, apontando que a partir da experiência podemos pensar metodologias outras.

A AUTOETNOGRAFIA DE UM PROCESSO EXPERIENCIADO

Sob as lentes qualitativas da autoetnografia, metodologia simbiótica que envolve elementos técnicos da autobiografia (Levi, 1996) com a etnografia (Marconi; Lakatos, 2020) foi norteado o trabalho de dissertação intitulado: **Uma autoetnografia experienciada na iniciação para o orixá e seus processos educativos**, de Roseane Santos Mesquita. Procederemos, portanto, para a descrição do método utilizado nesta pesquisa que objetivou caminhar através da autoetnografia pelos processos educativos da iniciação para o orixá.

A autoetnografia, descrita pela professora Silvia Marcela Bernard Calvas (2019), em sua essência, para validar uma resposta para com o processo e produto resultante da produção intelectual, visando interpretar a experiência individual entrelaçada com a realidade sociocultural de um grupo; pontua a liberdade de investigação e alteração de um modelo canônico estipulado pelas ciências sociais, invertendo a direção dessas, ocorrentes de maneira tradicional segundo as leis positivistas. Portanto, a autoetnografia é uma metodologia que caminha no terreno da experiência e por relação com esta convoca o corpo para sentir-pensar.

Essa metodologia se preocupa em produzir pesquisas significativas quanto à identidade e à política em sua diversidade, em apontar experiências individuais e coletivas que, por tempo, ocorreram no silêncio hegemônico do saber, e em expressar o fazer sensível e reflexivo de grupos outrora ausentes dos modelos tradicionais científicos. Os pesquisadores atentam sensivelmente para o momento de decidir quem, o quê, quando e como investigar concernente com o vínculo institucional a que estão atrelados (Calvas, 2019).

O método etnográfico respaldou a descrição do vivido pela autora, trazendo fatos que, à luz da ciência posta, costumam-se em perguntas e respostas justificadamente, com uma sequência técnica que vem da observação participante, da construção do diário de campo que foi chamado de diário da memória, pois registrou-se os fatos em lógica e sequência cronológica do ato experienciado pela própria autora.

A abordagem etnográfica, que tanto contribuiu para ampliar a compreensão e descrição dos fatos rememorados, possibilitou estabelecer olhares políticos de atenção com os direitos humanos básicos que nos são conferidos, enquanto membro de um grupo culturalmente estabelecido, ou seja, um corpo negro em processo iniciático no candomblé. Essa abordagem estipulou alguns momentos de observar/rememorar apontados como vitais, para que a análise descritiva com base na estrutura societal humana, sendo essas primitivas ou ágrafas, rurais e urbanas, ou até mesmo grupos étnicos de pequena escala, gerasse transcrições/escrevivências fies ao momento experienciado. Mas sempre compreendendo a experiência como aquilo que fica em nós, não apenas o que passa. Se não houve aprendizagem, para nós, não experienciou.

A autoetnografia é fortalecida pela etnografia enquanto um método investigativo técnico e já consolidado por diversos pares na academia, a considerar os costumes vigentes dentro da comunidade, como eles são disseminados e por meio de qual prática eles se perpetuam. Essas indagações, provenientes do método de investigação, tornaram a narrativa, amparada na ciência, uma rica produção ao evidenciar com transparência a rememoração dos atos experienciados (Marconi; Lakatos, 2020).

Desta forma, este conjunto de definições possibilitou expor a organicidade da comunidade religiosa *Abassá* de São Jorge, localizada no Bairro América – Aracaju – SE,

enquanto território de partida para análise, além de apresentar os traços históricos, sociais e educacionais, pactuando, assim, a condição de análise dos processos educacionais experienciados, e sua interpretação sem danos científicos, em detrimento da implicação do regente da produção para com o produto final da própria produção, no que cerne a rígida forma de construção seguindo normas e técnicas pré-estabelecidas pela ética científica. (Ludke; André, 2018).

Assim como foi construída esta pesquisa, esta metodologia assumiu o ato de pesquisar e escrever indistintamente, ao fornecer as dimensões do descrever e analisar o experienciado individual, dentro do cenário cultural produzido pelo coletivo. Desafio posto, o método impacta e transcende os muros científicos postos pelas maneiras canônicas de produção de pesquisa, considerando o que é socialmente justo e consciente. (Calvas, 2019). Desta forma, consideramos importantes no processo de pesquisa e divulgação do conhecimento, só ser considerado conhecimento a ser divulgado, se assim este conhecimento não revelasse segredos próprios do grupo específico pesquisado.

Para registro metodológico nos diários de campo, a autora atentou para descrever o retrato das ações, com relevância ao registro dos gestos, das falas (rezas) executadas, os tons sonoros, duração dos atos, bem como a maneira do corpo frente às posições assumidas durante a liturgia sagrada dentro do terreiro. Para além disso, buscou-se a reflexão sobre conhecimento acadêmico sobre os terreiros de candomblé e suas tradições, sobre a forma de educar os seus iniciados por meio dos ritos sagrados e como esses ritos são estruturados performando uma leitura para com os participantes a nível de raça, gênero e classe pertencem a estes grupos.

Os registros foram organizados cronologicamente segundo a tradição do processo iniciático, considerando os 21 dias de reclusão e os 365 dias pactuados para cumprimento do preceito, que significa o período em que não poderemos desfrutar de algumas atividades “profanas”, preservando e conservando a energia do corpo, pois esse é o habitat do *Orixá* e também o elo junto ao compromisso ancestral para com a natureza.

A escrevivência é utilizada aqui como método literário/estético para a escrita, que possibilitou a liberdade na forma criativa de dissertar, contudo envolveu o compromisso em transpor ao leitor o fato e contagiá-lo dentro de uma premissa comprometida em chegar até esse, com a informação descrita com fidelidade ao real, fortalecendo a edificação das mais diferentes formas de análise. Para esse fato, as imagens de elementos e indumentárias utilizados por mim durante o processo iniciático contribuem para a formação do cenário que vivenciamos e, assim, rememoramos o território africano em solo brasileiro, corroborando com uma cultura afro-brasileira. A escrevivência nos permitirá uma identificação de outras pessoas que passaram pelo mesmo processo iniciático (Evaristo, 2017).

Em neologia, explicitar as formas as quais essa comunidade de terreiro se apresenta e movimenta seu saber, dentro de uma esfera de educar seus membros, em uma relação de transferência que, em tempo, busca proteger e salvaguardar esse saber, propicia reinventar novas formas de interação entre os indivíduos agrupados conforme a cultura de matriz africana religiosa praticada. Portanto, este movimentar é a flor do não esquecimento que se dá no processo da oralidade, vivência e experiência. Tudo isto vivido através do Tempo e do espaço (neste caso terreiro).

A metodologia empregada que possui uma relação sociológica, antropológica e cultural, englobada pela educação, foi significativa para comportar as necessidades desta pesquisa que caminha no campo da etnometodologia. Para tanto, enfatizou-se que essa etnometodologia “é uma teoria do social que, ao centrar-se no interesse de compreender como a ordem social se realiza mediante ações cotidianas, consubstanciou-se numa teoria dos etnométodos”. (Macedo, 2000, p.110)

Nesse sentido, a autoetnografia como caminho a percorrer sobre as vivências estudadas pela autora justifica-se e impetra o modo operante, no descrever cuidadoso dos atos e fatos tão significativos, possibilitando expandir o acesso institucional aos temas e saberes

diversos que se encontram no campo da oralidade. Assim, a primeira porta do nosso guarda-roupa¹ de etnométodos será aberta, no intuito de expor o caminho traçado até o terreiro de candomblé, bem como adentrá-lo. Essa etapa consiste em ensinamentos pré-iniciáticos.

A segunda porta se abrirá para falar de um racismo como tema relevante para nossa maior compreensão dos processos que oprimem o indivíduo e marginalizam tudo que esse produz, dentro de uma lógica econômica marcada pelas relações de poder. Em virtude do racismo construído propositalmente, para que o projeto colonizador criasse amplitude, mas entendendo que é necessário desvelar essas nuances do racismo nas suas distintas formas executoras, falar do saber ancestral da comunidade de terreiro possibilita lutar por uma sociedade com maior equidade, seguindo a forma a qual essas comunidades se constituíram no território brasileiro e como preservaram uma tradição gerada a partir dos saberes culturais sagrados africanos.

Nesse sentido, a autora debateu com olhar de dentro para fora, como participante (eu+comunidade) portanto aquilo que Sodré (2017) resolveu chamar de corpo coletivo, escrevendo na cadência do vivido, do sentido na troca da energia com o irmão, no aprendizado cantado, tocado e dançado sob o ritmo sonado pelos atabaques no terreiro de candomblé, como também na dança que a sociedade estabelece alusiva aos modos e formas de viver, sendo o eu um elemento com aquela etnicidade de um grupo historicamente colocado à parte, meio de lado, na forma mais popular daquele com pouco acesso aos livros e muita sabedoria popular.

Numa outra esfera, pontua os atos e conhecimentos experienciados, como de fora para dentro enquanto a pesquisadora, na observação científica, dos costumes e tradições postas, por meio do processo da educação que ocorre na comunidade tradicional de terreiro. A ótica instaurada para identificar como os processos colonizadores distorcem as informações, que as ações do Povo de Axé essencialmente ensinam é sem dúvida algo necessário para um debate no cerne da questão.

A terceira porta se abriu se tratou dos relatos das hierarquias postas pelo terreiro e como essa hierarquia imprime uma educação, que contrapõe a lógica societal autoritária moldada sobre a herança dos colonizadores do território brasileiro. Essa herança implica na forma relacional entre os semelhantes, pautando as diferenças de gênero: sexo, cor, raça, credo, impregnadas na nossa carne enquanto civis, rebuscando nossos comportamentos e relações nos espaços aglutinadores.

Na ótica da análise, focou-se como essa relação do aprender acontece. Quem é a pessoa que foi instituída para tal função e como a operacionaliza? Em quais circunstâncias ocorre a transferência do saber e qual é esse saber? Existe uma lógica educativa? Que lógica estamos falando? Essas indagações norteiam nossa organização para as indumentárias que irão compor essa porta do guarda-roupa. O terreiro de candomblé, para educar seus membros, intercala, com outras instituições de ensino formal, a construção educacional de seres que a todo momento vivenciam sua formação dos elementos constitutivos do conhecimento formal, bem como valores morais

A terminologia colonialidade, bem como a decolonialidade, foi uma opção de uso justificado a partir do que relata Maldonado-Torres (2019), na menção realizada para com a importância do colonialismo e da descolonização e demarca o ambiente teórico que a autora optou por caminhar. O colonialismo é compreendido como uma “formação histórica dos territórios coloniais”. Para tanto, a colonialidade segue enquanto lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais”, estas são formas que legitimam o racismo e outras hierarquias da sociedade. O movimento de descolonização está posto como um momento histórico, no qual os colonizados despontam contra os ex-impérios em nome de uma independência. Em outra dimensão, a decolonialidade

¹ Guarda – roupa: termo utilizado conotativamente, para expressar as diferentes etapas de discussão para com a análise proposta e metodologicamente estruturada.

assume o caráter de luta contra as formas de operar da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.

A PESQUISA TEÓRICA SEDUZIDA PELA VIDA DAS PESQUISADORAS

“A cabeça pensa onde os pés pisam”.
Frei Betto

“A cabeça pensa onde os pés pisam” (Frei Betto, 2002) é o mote para pensar a metodologia de uma tese teórica ainda em andamento², portanto, uma interpretação conceitual do mundo. Este mundo, é muito particular e coletivo, é o mundo da pesquisadora. Para nós, que acreditamos na diversidade, também existem múltiplos mundos. Esta é uma problemática também da ciência, de uma ciência diversa, não universal. A tese na qual esta discussão faz parte objetiva discutir um conceito entendido até o momento como *Educações Profundas*.

Para a autora, até este momento, *Educações Profundas* são todas aquelas educações que se manifestam no dia a dia de sujeitos coletivos (Krenak, 2018) e/ou corpos coletivos (Sodré, 2021), no entanto, que se referem a *Educações* arraigadas no seio de suas comunidades. Ou seja, são manifestações de aprendizagens comunitárias que se refletem no indivíduo, afastados ou não de seu grupo. Desta forma, estes sujeitos ainda que retirados de suas comunidades e submetidos a processos de colonização do ser e do saber, permanecem profundamente sendo e sabendo ser sujeito coletivo. Procederemos neste artigo por apresentar o que a autora desta tese pensa por pesquisa teórica e como a experiência se reflete no pensar conceitual.

Paulo Freire (1967, p. 93,94) diz que “teorizar é contemplar”, para nós não é possível contemplar sem estar, sem pisar. Este pisar sugere movimento. A ideia de movimento vem carregada de um sair de um lugar para chegar a outro, ou seja, carregada de causalidade, de finalidade. Mas aqui propomos outra ideia de movimento, que é o movimento do sensível, da dança. Na dança, o passado e o futuro se encontram em um presente que nos mobiliza. Assim, nos movemos para ficar onde já estamos. Para sentir, o si mesmo corporal (Sodré, 2017), que implica a mecânica inteligente dos movimentos corporais, ou seja, do pensamento corpo, do corpo que pensa. Desta forma, não apenas “a cabeça pensa onde os pés pisam”, mas “o corpo pensa onde os pés pisam”, “o corpo dança onde os pés pisam” e “os pés pisam onde o corpo dança”. Este dançar é alegoria para o experimentar sem finalidade causal.

Assim está sendo construída a pesquisa que pretendemos apresentar aqui, ela retoma para as experiências da autora durante todo seu processo de vida. No entanto, a experiência não tinha finalidade de ser tese. Mas, a partir de um pensar teórico que é posterior a experiência e que só é possível a partir dela, estas experiências vividas passam a ser descritas para ampliação do material acadêmico.

Retiramos o contemplar apenas com o olhar e colocamos ele no corpo para sentir e movimentar de todos os sentidos e percepções do mundo que nos rodeia. Desta forma, nos conectamos com a experiência. Neste corpo que percebe, vivência, experiência, sentindo. É neste sentido da contemplação sentipensante³ (Fals Borda, 2009) do mundo e das *Educações* na cultura popular que pretendemos nos movimentar nesta tese, ou melhor, escrevê-la (Evaristo, 2016).

² A autora – Lindiane de Santana – previamente designa a tese com o título: *Introduções à Educações Profundas: educações manifestas na cultura popular*.

³ Designação que emerge de uma base gnosiológica/epistemológica em que o investigador tem um vínculo orgânico, participativo e afetivo com a comunidade pesquisada. Para Fals Borda (1978, p. 1) “ao vivermos, não fazemos apenas como homens, mas sim como seres preparados para o estudo e a crítica da sociedade e do mundo.” Dessa forma, o pesquisador é inserido num processo vivencial-racional, para assim construir sua pesquisa com a comunidade (que ao mesmo tempo em que é investigada, também é investigadora).

Esta é uma tese teórica, mas a forma de ver o mundo perpassa meu lugar no mundo, um lugar histórico, social, temporal e territorial (Haraway, 1995), ou seja, a experiência da autora. Esta tese teórica é um movimentar-se pela teoria para contemplar o que resolvi chamar de Educações profundas. No entanto, o levantar e desenvolvimento desta questão perpassa por minha vida, por minhas vivências e experiências e se tornam em escrevivências enquanto método de escrita e análise dos dados teóricos.

CONCLUSÃO

Apresentamos aqui duas pesquisas que refletem sobre a experiência na construção metodológica da pesquisa. O corpo que se apresenta enquanto suporte da experiência também importa nesta concepção, bell hooks (2017) nos mostra isto em seus escritos quando critica esta autoridade acadêmica que por “essência” é branca e masculina. E apesar de não discutir sobre a experiência na pesquisa, mas na sala de aula, em seus escritos acadêmicos, bell hooks (2017) apresenta sua experiência durante todo o processo de construção de uma argumentação lógica do argumento.

Estas escrevivências, pautadas em dados e informações baseados nas experiências, ratificam ou refutam uma premissa e apontam para uma lógica contrária a modernidade eurocêntrica tomada como absoluta e universal. Essa caminhada científica escorrega para além da ciência universal, apontando um novo modo de produzir, de escrever e de registrar. Caminhada esta que se baseia no vivenciar, no corpo em experiência. Contudo, dentro da academia estas experiências sofrem o bombardeio de questionamentos se o que se produz é ou não ciência/filosofia.

Ambas as pesquisas apresentadas aqui se alicerçam na educação, edificando-a como um pilar para que toda essa construção social antirracista e antissexista ocorra. Porque entendemos que se nosso corpo é político e não nos desvinculamos do corpo em momento algum, nossos escritos também são. Sinalizamos que a neutralidade impetrada por uma rigorosa estrutura científica, pautada nos valores civilizatórios eurocêntricos de pesquisa, não nos representa, enquanto seres descendentes de outros seres que foram escravizados, contudo, resistimos, resignificamos e (re)existimos em diferentes formas ancestrais de apresentar o nosso conhecimento.

Nesse sentido, Djamila Ribeiro (2017) fortalece o nosso diálogo quando interpreta o falar como algo que não se restringe ao ato de emitir palavras, ou até mesmo balbuciar, a forte marca do existir. Associando o falar e o lugar, do qual provém nossa história, nossa tradição, nossa ancestralidade, nos deparamos com a sociedade de classes, uma hierarquização posta para com o saber. Essa suposta supremacia é o que nos separa, nos destrói, corroendo a possibilidade de uma sociedade mais livre e menos injusta. A valoração exacerbada de um grupo em detrimento do outro, permeado por uma relação de poder, nos impetra valores conflitantes frutos da colonialidade.

Portanto, esta é uma discussão que se inicia e que utiliza como análise apenas duas pesquisas. No entanto, este romper de um saber eurocentrado e novas possibilidades de pesquisar e criar ciência é algo muito discutido nos últimos anos. Muitas pesquisas têm se construído nesta perspectiva, principalmente em países que passaram pelos processos de colonização. Desta forma, esta é uma discussão que se inicia, mas que tem grande capacidade de ampliação.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Lindiane de Santana: concepção e desenho, redação do artigo. Roseane Santos Mesquita: concepção e desenho, redação do artigo. Andréia Teixeira dos Santos: revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Almeida, N. (2018). *Nós: 20 poemas e uma oferenda*, São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Calvas, S. M. B. (2019) *Autoetnografía Una metodología cualitativa*. Universidad Autónoma de Aguascalientes. México: Editora San Colegio de San Luis.
- Evaristo, C. (2016). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2.ed. Rio de Janeiro: Malê.
- Evaristo, C. (2017). *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas.
- Fals Borda, O. (1978). *Por la praxis: El problema de como investigar la realidade para transformala*. Federación para el Análisis de la realidade colombiana (FUNDABCO). Bogotá, Colombia.
- Fals Borda, O. (2009) *Algunos recuerdos de mis primeros años*. In: Moncayo, V. M. (Org.). *Una sociología sentipensante para América Latina: Antología Orlando Fals Borda*. Bogotá/Buenos Aires: Siglo del Hombre Editores; CLACSO.
- Freire, P. (1967). *Educación como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Hooks, b. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Krenak, A. (2018). A potência do sujeito coletivo. *Revista Periferias*, 1, 1-20.
- Levi, G. (1996). Usos da biografia. In: Ferreira, M. M., & Amado, J. (org). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p. 167- 182.
- Ludke, M; André, M. (2018). *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. Rio de Janeiro: E.P.U.
- Macedo, R. S. (2000). *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. 2 ed. Scielo-EDUFBA.
- Maldonado-Torres, N. (2019). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 27-54.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2020). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento Editora e Livraria LTDA.
- Sodré, M. (2017). *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido: 3 de março de 2022 | **Aceito:** 4 de maio de 2022 | **Publicado:** 23 de maio de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.